

O Céu e o  
Inferno



# O Céu e o Inferno

ou  
A Justiça Divina segundo  
o Espiritismo

## CONTÉM

O EXAME COMPARADO DAS DOCTRINAS SOBRE A PASSAGEM DA VIDA  
CORPÓREA À VIDA ESPIRITUAL, AS PENALIDADES E RECOMPENSAS  
FUTURAS, OS ANJOS E OS DEMÔNIOS, AS PENAS ETERNAS ETC., SEGUIDO  
DE NUMEROSOS EXEMPLOS DA SITUAÇÃO REAL DA ALMA DURANTE E  
DEPOIS DA MORTE.

por

Allan Kardec

*“Juro por mim mesmo – disse o Senhor Deus – que não quero  
a morte do ímpio, e sim que ele se converta, que deixe o mau  
caminho e que viva.” (EZEQUIEL, 33:11.)*

Tradução de Evandro Noleto Bezerra





# Sumário

Prefácio .....	9
----------------	---

## PRIMEIRA PARTE

### Doutrina

Capítulo I – O porvir e o nada .....	19
--------------------------------------	----

Capítulo II – Temor da morte .....	31
Causas do temor da morte: 31; Por que os espíritos não temem a morte: 38.	

Capítulo III – O céu .....	41
----------------------------	----

Capítulo IV – O inferno .....	59
Intuição das penas futuras: 59; O inferno cristão imitado do inferno pagão: 61; Os limbos: 65; Quadro do inferno pagão: 66; Descrição do inferno cristão: 78.	

Capítulo V – O purgatório .....	93
---------------------------------	----





**Capítulo VI – Doutrina das penas eternas ..... 101**

Origem da doutrina das penas eternas: 101; Argumentos a favor das penas eternas: 109; Impossibilidade material das penas eternas: 116; A doutrina das penas eternas fez sua época: 119; Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original: 122.

**Capítulo VII – As penas futuras segundo o Espiritismo..... 125**

A carne é fraca: 125; Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras: 129; Código penal da vida futura: 130.

**Capítulo VIII – Os anjos..... 145**

Os anjos segundo a Igreja: 145  
Refutação: 151  
Os anjos segundo o Espiritismo: 159

**Capítulo IX – Os demônios ..... 163**

Origem da crença nos demônios: 163; Os demônios segundo a Igreja: 168; Os demônios segundo o Espiritismo: 185.

**Capítulo X – Intervenção dos demônios nas modernas manifestações..... 189**

**Capítulo XI – É proibido evocar os mortos? ..... 217**

SEGUNDA PARTE

**Exemplos**

**Capítulo I – A passagem..... 235**

**Capítulo II – Espíritos felizes ..... 247**

Sanson: 247; Jobard : 262; Samuel Philippe: 269;  
Van Durst: 275; Sixdeniers: 278 Dr. Demeure:





82; Viúva Foulon: 290; Um médico russo: 301; Bernardin: 306; Condessa Paula: 308; Jean Reynaud: 314; Antoine Costeau: 319; Emma Livry : 324; Dr. Vignal: 327; Victor Lebuffe: 331; Anaïs Gourdon: 334; Maurice Gontran: 336.

**Capítulo III – Espíritos em condições medianas..... 341**

Joseph Bré: 341; Hélène Michel: 344; Marquês de Saint-Paul: 346; Dr. Cardon, médico: 348; Eric Stanislas: 355; Anna Belleville: 357.

**Capítulo IV – Espíritos sofredores..... 365**

O castigo : 365; Novel: 368; Auguste Michel: 370; Exprobrações de um boêmio: 373; Lisbeth: 375; Príncipe Ouran : 379; Pascal Lavic: 383; Ferdinand Bertin: 386; François Riquier : 391; Claire: 393.

**Capítulo V – Suicidas..... 407**

O suicida da Samaritana: 407; O pai e o conscrito: 411; François-Simon Louvet: 414; Mãe e filho: 417; Duplo suicídio, por amor e por dever: 421; Luís e a pespontadeira de botinas: 426; Um ateu: 430; Félicien: 439; Antoine Bell : 444.

**Capítulo VI – Criminosos arrependidos ..... 451**

Verger: 451; Lemaire: 456; Benoist : 460; O Espírito de Castelnaudary: 464; Jacques Latour: 474.

**Capítulo VII – Espíritos endurecidos..... 495**

Lapommeray: 495; Angèle, nulidade sobre a Terra: 503; Um Espírito aborrecido: 507; A rainha de Oude: 510; Xumène: 514.

**Capítulo VIII – Expições terrestres ..... 517**

Marcel, o menino do no 4: 517; Szymel Slizgol: 522; Julienne-Marie, a mendiga: 530; Max,





o mendigo: 536; História de um criado: 540; Antonio B...: 544; Letil : 548; Um cientista ambicioso: 552; Charles de Saint-G..., deficiente mental: 555; Adélaïde-Marguerite Gosse: 562; Clara Rivier: 564; Françoise Vernhes: 569; Anna Bitter: 572; Joseph Maître, o cego: 576.

**Nota explicativa ..... 581**

**Índice geral ..... 589**



## PREFÁCIO<sup>1</sup>

O título desta obra indica claramente o seu objetivo. Nela reunimos todos os elementos destinados a esclarecer o homem quanto ao seu destino. Como em nossas publicações anteriores sobre a Doutrina Espírita, nada colocamos neste livro que seja produto de um sistema preconcebido ou de concepção pessoal, que, aliás, não teria nenhuma autoridade. Tudo foi deduzido da observação e da concordância dos fatos.

*O livro dos espíritos* contém as bases fundamentais do Espiritismo; é a pedra angular do edifício. Todos os princípios da Doutrina aí se acham expostos, até mesmo os que constituem o seu coroa-mento. Entretanto, era preciso dar-lhes maiores desenvolvimentos e deduzir todas as suas conseqüências e aplicações, à medida que tais bases se desdobrassem pelo ensino complementar dos Espíritos e mediante novas observações. Foi o que fizemos em relação a *O*

---

<sup>1</sup> N.T.: Este *Prefácio* não fazia parte da 4ª edição francesa [1869] de *O céu e o inferno* – edição definitiva – que serviu de base para esta tradução. Apareceu na 1ª edição do livro, publicada em agosto de 1865. Ao inseri-lo aqui, tivemos em vista resgatar para as novas gerações estes escritos quase desconhecidos do Codificador do Espiritismo e oferecê-los aos estudiosos da Doutrina Espírita.



## Prefácio

*livro dos médiuns* e com *O evangelho segundo o espiritismo*, no tocante a pontos de vista especiais; é o que fazemos nesta obra, sobre outro ponto de vista, e é o que faremos sucessivamente nas demais obras que nos restam publicar e que virão a seu tempo.

As novas ideias só frutificam quando a terra está preparada para recebê-las. Ora, por terra preparada não se deve entender algumas inteligências precoces, que apenas dariam frutos isolados, mas um certo conjunto na predisposição geral, a fim de que não só dê frutos mais abundantes, senão que a ideia, ao encontrar maior número de pontos de apoio, também encontre menos oposição e seja, assim, mais forte para resistir aos seus antagonistas. *O evangelho segundo o espiritismo* já era um passo à frente; *O céu e o inferno* é um passo a mais, cujo alcance será facilmente compreendido, porque toca profundamente em certas questões; contudo, não poderia ter vindo mais cedo.

Se considerarmos a época em que surgiu o Espiritismo, facilmente reconheceremos que ele chegou na hora exata, nem mais cedo, nem mais tarde. Mais cedo, teria abortado, porque, não sendo numerosas as simpatias, teria sucumbido sob os golpes dos adversários. Mais tarde, teria perdido a ocasião favorável para eclodir; as ideias poderiam tomar outro rumo, do qual seria difícil desviá-las. Era preciso deixar ao tempo o cuidado de consumir as velhas ideias e provar a sua insuficiência, antes de apresentar outras mais novas.







## Prefácio

As ideias prematuras costumam malograr porque as criaturas não estão maduras para as compreenderem, nem sentem por ora a necessidade de uma mudança de posição. Hoje, é inegável para todo mundo que um grande movimento se manifesta na opinião geral; que uma reação formidável se opera progressivamente contra o espírito estacionário ou retrógrado da rotina; que os satisfeitos da véspera são os impacientes do dia seguinte. A humanidade está em processo de gestação; existe alguma coisa no ar, uma força irresistível a impele para frente, à semelhança de um jovem, mal saído da adolescência e que entrevê novos horizontes, embora não os possa definir, e que se desfaz das fraldas da infância. O homem quer coisa melhor: alimentos mais sólidos para a razão. Esse desejo do melhor, porém, ainda não está bem definido. Buscam-no sem cessar, todos trabalham para isso, desde o crente até o incrédulo, desde o lavrador até o sábio. O universo é um vasto canteiro de obras; uns demolem, outros constroem; cada um talha sua pedra para o novo edifício, cujo plano definitivo é prerrogativa do Grande Arquiteto e cuja economia só será compreensível quando suas formas começarem a delinear-se acima da superfície do solo. E foi justamente este o momento escolhido pela Soberana Sabedoria para o advento do Espiritismo.

Os Espíritos que presidem ao grande movimento regenerador agem, pois, com grande sabedoria





## Prefácio

e providência, coisa que os homens não podem fazer, porque aqueles abrangem a marcha geral dos acontecimentos, enquanto nós outros não vemos senão o círculo limitado do nosso horizonte. Tendo chegado os tempos da renovação, consoante os decretos divinos, era necessário que, no meio das ruínas do velho edifício, o homem vislumbrasse, para não ser tolhido pelo desânimo, as bases da nova ordem de coisas que iria estabelecer-se; era preciso que o marinheiro pudesse perceber a estrela polar que o haveria de guiar ao porto.

A sabedoria dos Espíritos, que o aparecimento do Espiritismo tornou patente e que foi revelada quase instantaneamente por toda a Terra e na época mais propícia, não é menos evidente na ordem e na gradação lógicas das revelações complementares sucessivas. Não está no poder de ninguém constranger a vontade deles quanto a isto, visto que eles não regulam os seus ensinamentos de acordo com a impaciência dos homens. Não nos basta dizer: “Gostaríamos de ter tal coisa”, para que ela nos seja concedida; e, menos ainda, dizer a Deus: “Julgamos que é chegada a hora para que nos dê tal coisa, pois nos julgamos bastante adiantados para recebê-la”, o que equivaleria a dizer: “Sabemos melhor que vós o que convém fazer.” Aos impacientes, os Espíritos respondem: “Começai primeiro por saber bem, compreender bem e, sobretudo, praticar bem o que já sabeis, a fim de que Deus vos julgue dignos de vos trazer mais conhecimentos.





## Prefácio

Depois, quando chegar o momento, saberemos agir e escolheremos os nossos instrumentos.”

A primeira parte desta obra, chamada *Doutrina*, contém o exame comparado das diversas crenças sobre o céu e o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras. O dogma das penas eternas é aí tratado de maneira especial e refutado por argumentos colhidos das próprias leis da natureza, leis que demonstram, não só o seu lado ilógico, centenas de vezes já assinalado, como a sua impossibilidade material. Com as penas eternas, caem naturalmente as consequências que se acreditavam tirar de tal doutrina.

A segunda parte encerra numerosos exemplos que sustentam a teoria, ou melhor, que serviram para o seu estabelecimento. A autoridade deles se baseia na diversidade dos tempos e dos lugares onde foram obtidos, porquanto, se emanassem de uma fonte única, poder-se-ia considerá-los como produto de uma mesma influência; baseia-se, além disso, na sua concordância com o que se obtém todos os dias, seja onde for que as pessoas se ocupem das manifestações espíritas, encaradas sob um ponto de vista sério e filosófico. Tais exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito, visto que não há Centro Espírita que não possa fornecer um notável contingente deles.

Para evitarmos repetições cansativas, tivemos de fazer uma escolha criteriosa entre os exemplos mais instrutivos. Cada um deles é um estudo,





## Prefácio

em que todas as palavras têm o devido alcance para quantos desejem meditá-los com atenção, visto que de cada ponto jorra uma nova luz sobre a situação da alma após a morte e sobre a passagem, até agora tão obscura e temida, da vida corpórea à vida espiritual. É o guia do viajante, antes de adentrar em país novo. Aí a vida de além-túmulo se desdobra em todos os seus aspectos, como um vasto panorama, de modo que todos poderão haurir, neste livro, novos motivos de esperança e de consolação e novas bases para o fortalecimento da fé no futuro e na Justiça de Deus.

Nesses exemplos, tomados em sua maioria dos fatos contemporâneos, dissimulamos os nomes próprios toda vez que julgamos útil fazê-lo, em razão de conveniências facilmente compreensíveis. Quem se interessar por eles os reconhecerá sem dificuldade. Para o público, nomes mais ou menos conhecidos e mesmo obscuros não teriam acrescentado coisa alguma à instrução que deles se podem tirar.

As mesmas razões que nos fizeram omitir os nomes dos médiuns em *O evangelho segundo o espiritismo*, levaram-nos a omiti-los também nesta obra, tendo em vista mais o futuro do que o presente. A importância dos médiuns é pequena, já que não se poderia atribuir-lhes nenhum mérito por uma coisa em que o espírito deles não teve qualquer participação. Além disso, a mediunidade não é uma prerrogativa de tal ou qual indivíduo, mas uma faculdade





## Prefácio

fugaz, subordinada à vontade dos Espíritos que querem comunicar-se, que se possui hoje e pode faltar amanhã e que nunca é aplicável a todos os Espíritos indistintamente, não constituindo, por isso mesmo, nenhum mérito pessoal, como seria um talento conquistado pelo trabalho e pelos esforços da inteligência. Os médiuns sinceros, os que compreendem a gravidade da missão que desempenham, consideram-se como instrumentos, que a vontade de Deus pode aniquilar quando bem o entender, caso não atuem segundo os seus desígnios. São felizes por possuírem uma faculdade que lhes permite serem úteis, mas da qual não podem envaidecer-se. Aliás, nós nos conformamos, acerca deste ponto, aos conselhos dos nossos guias espirituais.

Quis a Providência que a nova revelação não fosse privilégio de pessoa alguma, mas que tivesse seus órgãos por toda a Terra, em todas as famílias, entre os grandes como entre os pequenos, conforme estas palavras do Evangelho, de que os médiuns de hoje são o cumprimento: “Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. Naqueles dias, derramarei o meu Espírito sobre os meus servos e servas, e eles profetizarão.” (ATOS, 2:17 e 18.)

Mas o Senhor também disse: “Haverá falsos cristos e falsos profetas.” (Veja-se *O evangelho segundo o espiritismo*, capítulo XXI.) Ora, esses últimos





## Prefácio

tempos são chegados. Não se trata do fim do mundo material, como a princípio julgaram, mas do fim do mundo moral, isto é, da era da regeneração.

ALLAN KARDEC



# *Primeira Parte*



## *Doutrina*

CAPÍTULO I – O PORVIR E O NADA

CAPÍTULO II – TEMOR DA MORTE

CAPÍTULO III – O CÉU

CAPÍTULO IV – O INFERNO

CAPÍTULO V – O PURGATÓRIO

CAPÍTULO VI – DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS

CAPÍTULO VII – AS PENAS FUTURAS SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO VIII – OS ANJOS

CAPÍTULO IX – OS DEMÔNIOS

CAPÍTULO X – INTERVENÇÃO DOS DEMÔNIOS

NAS MODERNAS MANIFESTAÇÕES

CAPÍTULO XI – É PROIBIDO EVOCAR OS MORTOS?







## CAPÍTULO I



# O porvir e o nada

1. Vivemos, pensamos e agimos: eis o que é positivo. E morremos, o que não é menos certo. No entanto, deixando a Terra, para onde vamos? Que seremos após a morte? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? *Ser ou não ser*, tal a alternativa. Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada; ou vivemos eternamente ou tudo se aniquilará para todo o sempre. Vale a pena pensarmos nisto.

Todo homem experimenta a necessidade de viver, de gozar, de amar, de ser feliz. Dizei ao moribundo que ele viverá ainda, que a sua hora é retardada; dizei-lhe sobretudo que será mais feliz do que porventura o tenha sido e seu coração palpitará de alegria. Mas para que servirão essas aspirações de felicidade se um leve sopro é capaz de dissipá-las?

Haverá algo mais desesperador do que essa ideia da destruição absoluta? Afeições caras, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquirido, tudo despedaçado, tudo perdido! De nada nos serviria, portanto, qualquer esforço para nos tornarmos melhores, para reprimirmos as nossas paixões,





para ilustrarmos os nossos espíritos, desde que nada aproveitássemos de tudo isso, considerando-se a opinião de que amanhã, talvez, isso já não nos serviria para coisa alguma! Se fosse assim, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do animal, porque este vive inteiramente do presente, com vistas à satisfação dos seus apetites materiais, sem aspiração para o futuro. Uma secreta intuição, porém, nos diz que isso não é possível.

2. Pela crença no nada o homem concentra, forçosamente, todos os seus pensamentos na vida presente. Não faria sentido, é lógico, preocupar-se com um futuro do qual nada se espera. Esta preocupação exclusiva do presente leva o homem naturalmente a pensar em si, de preferência a tudo; é, pois, o mais poderoso estimulante do egoísmo e o incrédulo é coerente consigo mesmo quando chega à seguinte conclusão: gozemos enquanto estamos aqui; gozemos o mais possível, pois com a morte tudo se acaba; gozemos depressa, porque não sabemos por quanto tempo estaremos vivos. É coerente também com esta outra conclusão, muito mais grave ainda para a sociedade: gozemos apesar de tudo, gozemos de qualquer modo, cada qual por si; a felicidade, neste mundo, é do mais astuto.

Se o respeito humano retém algumas pessoas, que freio haverá para os que nada temem? Estes últimos acreditam que as leis humanas só alcançam os tolos e assim empregam todo o seu talento





no melhor meio de se esquivarem a elas. Se há uma doutrina *insensata e antissocial*, é, seguramente, o *niilismo*, porque rompe os verdadeiros laços de solidariedade e fraternidade, em que se fundam as relações sociais.

3. Suponhamos que, por uma circunstância qualquer, todo um povo adquire a certeza de que em oito dias, num mês ou num ano será aniquilado; que nem um só indivíduo sobreviverá, nem restará traço algum de sua existência após a morte. Que fará esse povo durante esse tempo? Trabalhará pela sua melhoria, pela sua instrução? Entregar-se-á ao trabalho para viver? Respeitará os direitos, os bens, a vida do seu semelhante? Submeter-se-á a qualquer lei ou autoridade por mais legítima que seja, mesmo a paterna? Haverá para ele um dever qualquer? Certo que não. Pois bem! O que não se dá coletivamente, a doutrina do niilismo realiza todos os dias individualmente. Se as consequências não são tão desastrosas quanto poderiam ser, é, em primeiro lugar, porque na maioria dos incrédulos há mais bravata que verdadeira incredulidade, mais dúvida que convicção, possuindo eles mais medo do nada do que pretendem aparentar, já que o qualificativo de espíritos fortes lisonjeia-lhes o amor-próprio; em segundo lugar, porque os incrédulos absolutos se contam por ínfima minoria; sujeitam-se, a contragosto, ao ascendente da opinião contrária e são mantidos por uma força material. Se a incredulidade absoluta se tornasse





maioria, a sociedade entraria em dissolução. Eis aonde nos leva a doutrina do niilismo.<sup>2</sup>

Fossem quais fossem, porém, as suas consequências, se o niilismo fosse uma verdade, seria preciso aceitá-la de qualquer modo, pois nem sistemas contrários, nem a ideia dos males que daí pudessem resultar seriam capazes de impedir-lhe a existência. Ora, não há como negar que o ceticismo, a dúvida e a indiferença ganham terreno dia a dia, apesar dos esforços da religião; isto é positivo. Se a religião é impotente contra a incredulidade, é que lhe falta alguma coisa para combatê-la, e caso se condenasse à imobilidade, em pouco tempo estaria infalivelmente ultrapassada. O que lhe falta neste século de positivismo, em que se procura compreender antes de crer,

<sup>2</sup> Nota de Allan Kardec: Um jovem de 18 anos estava afetado por uma enfermidade do coração considerada incurável. A Ciência havia dito: "Ele pode morrer dentro de oito dias ou de dois anos, mas não irá além." Sabeedor do fato, o rapaz logo abandonou os estudos e entregou-se a excessos de todo o gênero. Quando lhe advertiam que, dada a sua situação, uma vida desregrada era perigosa para a sua saúde, respondia: "Que me importa, já que só tenho dois anos de vida? De que me serviria fatigar o espírito? Gozo o pouco que me resta e quero divertir-me até o fim." – Eis a consequência lógica do niilismo.

Se esse moço fosse espírita, provavelmente teria dito: "A morte só destruirá o corpo, que deixarei como roupa usada, mas o meu Espírito viverá sempre. Serei na vida futura aquilo que eu próprio houver feito de mim nesta vida; nada do que nela puder adquirir em qualidades morais e intelectuais será perdido; ao contrário, será outro tanto de ganho para o meu adiantamento; toda imperfeição de que me livrar será um passo a mais para a felicidade. A minha ventura ou infelicidade depende da utilidade ou inutilidade da presente existência. É, portanto, de meu interesse aproveitar o pouco tempo que me resta, e evitar tudo que possa diminuir minhas forças."

Qual destas doutrinas é preferível?

